ISSN: 2358-8829

ANÁLISE DA TAXA DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA NO IFRN CAMPUS IPANGUAÇU

Leticia Ellen Guilherme Silveira [1]
Mainara Jaciara Freire da Silva [2]
Carlos Antônio Barros e Silva Junior [3]

INTRODUÇÃO

A evasão e a baixa taxa de conclusão estão entre os principais desafios do ensino superior público brasileiro, pois representam perda de investimento social e de oportunidades formativas para os estudantes. Nas licenciaturas, esse problema ganha importância adicional: a não conclusão do curso reduz o número de profissionais que podem atuar na educação básica, em um país que já enfrenta escassez de docentes (Queiroz, 2023). Nas licenciaturas em Química, a evasão chegou a 65% entre os ingressantes de 2013 acompanhados por dez anos (INEP, 2022 apud Martins; Coutinho, 2026).

O curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Ipanguaçu, forma professores para a educação básica. A carga horária, as atividades de laboratório e os conteúdos abstratos podem tornar essa trajetória exigente, sobretudo para estudantes que trabalham ou se deslocam de outras cidades. Conhecer o indicador de conclusão e as percepções de quem permanece no curso pode contribuir para orientar ações de assistência estudantil e acompanhamento pedagógico adequadas à realidade local.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o indicador anual de conclusão do curso no período de 2015 a 2025. Especificamente, busca-se calcular a relação anual entre concluintes e ingressantes, identificar suas variações ao longo do período e discutir, com base na percepção de estudantes que permanecem no curso, fatores associados à evasão e à permanência.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, leticia.ellen2724@gmail.com;
[2] Graduada pelo Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, mainara.jaciara444@gmail.com;
[3] Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, carlos.junior@ifrn.edu.br;

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de uma pesquisa de abordagem mista, desenvolvida em duas etapas. Na primeira, quantitativa, a secretaria acadêmica do IFRN Campus Ipanguaçu forneceu os números de ingressantes e concluintes do curso entre 2015 e 2025. Para cada ano, calculou-se a relação entre concluintes e ingressantes pela fórmula (concluintes ÷ ingressantes) × 100. Os resultados foram organizados em tabela e gráfico e examinados por estatística descritiva (média, mediana e desvio padrão amostral).

Na segunda etapa, qualitativa, aplicou-se um formulário online (Google Forms) a 17 discentes matriculados no curso, entre 20 e 23 de fevereiro de 2026. O instrumento reuniu quatro perguntas de sim ou não, três questões em escala de 1 a 5 (sendo 1 o menor grau e 5 o maior) e cinco questões dissertativas. Não foram coletados nomes nem e-mails. Como todos os respondentes permaneciam no curso, suas respostas sobre os motivos de abandono expressam percepções acerca dos colegas que evadiram, e não relatos de estudantes evadidos. As respostas fechadas foram organizadas em frequências percentuais; as dissertativas, em categorias temáticas, contabilizando-se os participantes que mencionaram cada tema. Uma mesma resposta podia contemplar mais de um tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

A evasão é um fenômeno complexo, associado a diferentes fatores. Na análise de 17 artigos científicos sobre evasão em licenciaturas em Química no Brasil, Martins e Coutinho (2026) identificaram como causas mais frequentes a pouca identificação com o curso (41,2% dos artigos), a dificuldade de conciliar o curso com outras atividades, sobretudo o trabalho (23,5%), e as dificuldades de aprendizagem (17,6%), além de maior evasão nos primeiros anos. Esse cenário dialoga com a crise descrita por Queiroz (2023): o número de concluintes de licenciaturas em áreas específicas caiu de 123 mil, em 2010, para 111 mil, em 2021, e Física, Matemática e Química registraram as maiores taxas de desistência acumulada na última década.

A relação entre concluintes e ingressantes pode ser utilizada como indicador descritivo do fluxo acadêmico, mas, quando considera os dados de um mesmo ano, não acompanha a trajetória de uma turma específica nem identifica as causas da não conclusão. Por isso, a análise dos números deve ser complementada pela escuta dos estudantes. No campo das políticas públicas, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) busca ampliar as condições

de permanência dos jovens na educação superior pública federal e prevê ações de moradia, alimentação, transporte, atenção à saúde e apoio pedagógico, entre outras (BRASIL, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

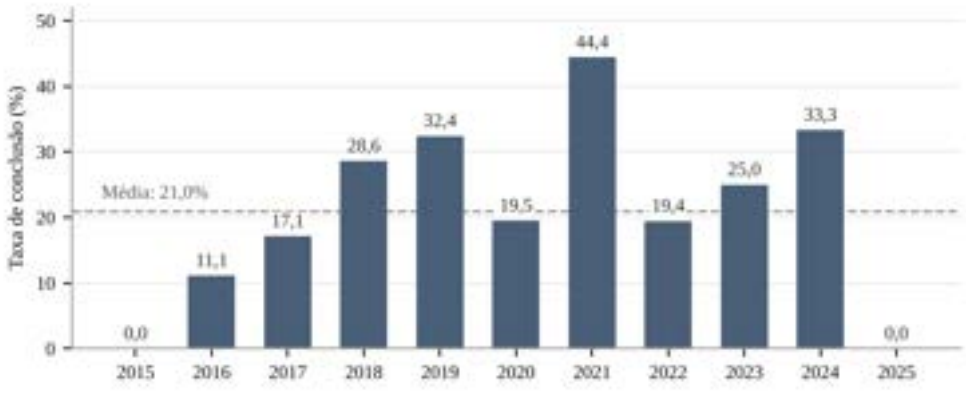
Entre 2015 e 2025, o curso registrou 343 ingressantes e 72 concluintes (Tabela 1 e Figura 1). A média do indicador anual foi de 21,0%, a mediana de 19,5% e o desvio padrão amostral de 13,8 pontos percentuais, evidenciando variação entre os anos. Os maiores valores ocorreram em 2021 (44,4%), 2024 (33,3%) e 2019 (32,4%); em seis dos onze anos, o indicador ficou abaixo de 25%. Também houve redução no número de ingressantes: de 41, em 2020, para 20 a 24 por ano, entre 2023 e 2025.

Quadro 1 – Ingressantes, concluintes e taxa de conclusão anual do curso de Licenciatura em Química, IFRN Campus Ipanguaçu, 2015–2025

Ano	Ingressantes	Concluintes	Taxa de conclusão (%)
2015	29	0	0,0
2016	36	4	11,1
2017	35	6	17,1
2018	35	10	28,6
2019	37	12	32,4
2020	41	8	19,5
2021	27	12	44,4
2022	36	7	19,4
2023	20	5	25,0
2024	24	8	33,3
2025	23	0	0,0

Fonte: secretaria acadêmica do IFRN Campus Ipanguaçu; cálculo dos autores.

Figura 1 – Taxa de conclusão anual do curso, 2015–2025



Fonte: secretaria acadêmica do IFRN Campus Ipanguaçu; cálculo dos autores.

ISSN: 2358-8829

Os valores nulos de 2015 e 2025 devem ser interpretados com cautela. O indicador relaciona os concluintes de determinado ano aos ingressantes daquele mesmo ano, sem acompanhar cada turma ao longo de sua trajetória acadêmica. Portanto, trata-se de uma aproximação, e não de uma taxa de conclusão por coorte. Assim, a ausência de concluintes nesses anos não significa, por si só, que nenhum estudante tenha permanecido no curso.

O Quadro 2 apresenta as respostas fechadas dos 17 participantes. Como todos permaneciam matriculados no curso, os dados caracterizam as experiências e percepções de quem continuava a formação, não as de quem evadiu.

Quadro 1 – Respostas fechadas dos discentes (n = 17)

Pergunta	Resultado
Exerce ou exerceu atividade remunerada durante o curso?	Sim: 64,7%; não: 35,3%
Já pensou em desistir por questões emocionais ou de saúde mental?	Sim: 52,9%; não: 47,1%
Possui ou já possuiu bolsa de auxílio estudantil?	Sim: 41,2%; não: 58,8%
Pretende atuar na educação após concluir o curso?	Sim: 70,6%; não: 29,4%
A base do Ensino Médio foi suficiente para as disciplinas de exatas? (escala de 1 a 5)	Níveis 1–2: 35,3%; nível 3: 29,4%; níveis 4–5: 35,3%
A carga horária das disciplinas e laboratórios sobrecarrega sua rotina pessoal? (escala de 1 a 5)	Níveis 1–2: 41,2%; nível 3: 23,5%; níveis 4–5: 35,3%
A distância ou o transporte dificulta sua frequência às aulas? (escala de 1 a 5)	Níveis 1–2: 52,9%; nível 3: 5,9%; níveis 4–5: 41,2%

Fonte: formulário aplicado pelos autores (2026).

O trabalho aparece como uma dificuldade relevante para a permanência: 64,7% dos participantes exercem ou exerceram atividade remunerada durante o curso, enquanto 41,2% possuem ou já possuíram bolsa de auxílio estudantil. Nas respostas dissertativas, dez dos 17 participantes mencionaram trabalho, falta de tempo ou cansaço como principal dificuldade para conciliar os estudos com o cotidiano; três citaram o transporte e três, as obrigações familiares. Esses relatos convergem com a dificuldade de conciliar curso e trabalho identificada por Martins e Coutinho (2026).

Mais da metade dos participantes (52,9%) afirmou já ter pensado em desistir por questões emocionais ou de saúde mental, resultado que evidencia a importância de considerar o apoio psicossocial nas políticas de permanência. Além disso, 70,6% pretendem atuar na educação após a conclusão. Quanto à preparação no Ensino Médio, as avaliações foram variadas (Quadro 2). Nas respostas abertas, um participante relatou ter chegado ao primeiro período sem conhecer a tabela periódica; Cálculo, mencionado por três participantes, e Química Geral, por dois, foram as disciplinas mais lembradas como difíceis.

ISSN: 2358-8829

Na percepção dos participantes, os motivos que levam colegas a abandonar o curso se concentram em seis temas: pouca identificação, interesse ou motivação com o curso (sete participantes); trabalho e dificuldades financeiras (sete); fragilidade da base do Ensino Médio (cinco); dificuldade nas disciplinas e excesso de conteúdo (três); metodologia e postura de professores (três); e rotina exaustiva, carga horária e pressão (três). Dois participantes observaram que alguns ingressam esperando que a Química se restrinja a experimentos, sem considerar que o curso é uma licenciatura, ou o escolhem como segunda opção. Esses apontamentos convergem com Martins e Coutinho (2026), que destacam a pouca identificação com o curso e a dificuldade de conciliar estudo e trabalho entre os fatores recorrentes da evasão.

Ao sugerirem medidas ao IFRN, oito participantes defenderam a ampliação de bolsas e auxílios, incluindo transporte e moradia; quatro propuseram rever avaliações e metodologias ou ampliar o diálogo entre professores e estudantes; e um sugeriu cursos de nivelamento em disciplinas com histórico de reprovação. Essas demandas se relacionam a áreas previstas no PNAES (Brasil, 2010), como transporte, moradia e apoio pedagógico. O fato de 58,8% nunca terem recebido bolsa reforça a relevância de discutir o alcance da assistência estudantil. Por outro lado, cinco participantes destacaram que bolsas e iniciativas como o PIBID, a pesquisa e os eventos científicos contribuíram positivamente para sua trajetória, indicando que oportunidades de aproximação com a docência e a pesquisa são valorizadas pelos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre 2015 e 2025, a média do indicador anual de conclusão foi de 21,0%, com variação de 0% a 44,4%, enquanto o número de ingressantes caiu para 20 a 24 por ano entre 2023 e 2025. Na percepção dos estudantes que permanecem no curso, a evasão dos colegas está associada principalmente à pouca identificação com a licenciatura, às dificuldades de conciliar trabalho e estudo e à fragilidade da formação básica. Entre os participantes, 64,7% trabalham ou já trabalharam durante o curso e 52,9% já pensaram em desistir por questões emocionais ou de saúde mental.

Os resultados apontam que a permanência demanda ações articuladas: assistência financeira, acompanhamento pedagógico e apoio psicossocial, considerando especialmente a realidade dos estudantes trabalhadores. Entre as possibilidades estão ampliar bolsas e auxílios de transporte e moradia, oferecer atividades de nivelamento em conteúdos básicos de Química e Matemática, fortalecer o acolhimento e o diálogo entre professores e estudantes e apresentar, desde o início, as características e os objetivos da licenciatura aos ingressantes.

O estudo apresenta limitações: ouviu apenas 17 estudantes que permanecem no curso, o que impede generalizações e não contempla diretamente a perspectiva de quem evadiu; além disso, utilizou um indicador anual aproximado, e não uma taxa calculada por coorte. Pesquisas futuras podem acompanhar cada turma até o fim do curso e ouvir estudantes que interromperam a formação, a fim de verificar em que medida os motivos percebidos pelos colegas correspondem aos relatados por quem evadiu.

Palavras-chave: Evasão; Ensino superior; Licenciatura em Química; IFRN; Assistência estudantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos Caio e Cassio, que estiveram ao meu lado desde o início da construção deste artigo, oferecendo apoio, incentivo e contribuições importantes ao longo desse processo. A amizade e a ajuda de vocês fizeram diferença nesta caminhada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 jul. 2010. Seção 1, p. 5.

MARTINS, M. J.; COUTINHO, R. X. Evasão nos cursos de formação de professores de química do Brasil: análise dos artigos científicos. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, ano 41, n. 123, e17256, 2026.

QUEIROZ, C. Crise nos programas de licenciatura. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, ed. 332, out. 2023.